



Organização e identidade

O ensinamento da Associação das Mulheres Artesãs e Quilombolas do Quilombo da Serra das Viúvas (AMAQUI)

A história da Associação das Mulheres Artesãs e Quilombolas do Quilombo da Serra das Viúvas (AMAQUI) é a continuação da história do próprio Quilombo e de suas conquistas. Localizado em Água Branca/AL, o Quilombo da Serra das Viúvas conta atualmente com cerca de 230 habitantes em um território que foi ocupado há séculos por três famílias. As viúvas são as mulheres ancestrais dessas três famílias fundadoras da comunidade e que perderam seus maridos e ali permaneceram.

Já a história de formação do quilombo foi construída a partir de duas hipóteses. A primeira é que pessoas escravizadas se instalaram ali após fugirem das terras do Barão de Água Branca.



Já a segunda é que as pessoas que ali se instalaram firmaram um compromisso de produzir e pagar ao Barão uma cota de uso da terra. As referências históricas das viúvas da serra e da ancestralidade africana tem seu legado continuado pela força das mulheres que hoje estão na liderança dessa comunidade.

Os artesanatos de palha de dicuri (ou licuri), cipós unha de gato, orelha de onça, cipó verdadeiro, cipó cruz, palha de milho e fibra de bananeira eram os principais produtos que sustentavam a comunidade até meados da década de 1990. As bolsas, chapéus, vassouras, balaios, esteiras e cestas eram vendidas nas feiras.

É nessa década que surge o grupo de mulheres artesãs que ainda contava com poucas integrantes e nos anos de 1998 e 1999 conquistaram a parceria com o SEBRAE. A partir de então, participaram de cursos, capacitações e oficinas, o que possibilitou uma diversificação nos produtos.



Quilombolas da Serra das Viúvas

Foi por meio desta parceria que, no ano de 2000, elas receberam um convite para participarem e decorarem a comemoração do dia de Zumbi, no Quilombo dos Palmares, na Serra da Barriga. Como a quantidade de peças para essa festa era muito grande, elas convidaram outras mulheres da comunidade para ajudarem na produção e o grupo foi crescendo. Para atender essa demanda, tiveram que trabalhar de dia e de noite. Também realizaram algumas parcerias com designers, que possibilitaram o desenvolvimento de outros produtos artesanais.

Nesse meio tempo, a comunidade foi provocada no sentido de reconhecerem-se como quilombolas e, no ano de 2009, conquistaram a certificação da Fundação Palmares o que levou à seguinte questão: o que é ser quilombola?



Passaram então a participar de eventos, oficinas e reconhecer todas as práticas que já vivenciavam na comunidade e que são da identidade desse povo, como: o artesanato, a culinária, as vestimentas, a agricultura, a produção de farinha e as expressões culturais como o coco de roda. Foram então tomando posse desses elementos e reconhecendo também os próprios traços físicos.

Para algumas pessoas da comunidade ainda é difícil reconhecer a identidade quilombola, porque não é todo mundo que quer ter a sua raiz histórica marcada pela escravidão e pelo sofrimento. Mas começamos a nos perguntar e a entender: por que não temos um banheiro adequado na comunidade? Por que não temos calçamento? Por que nós não temos uma cisterna? Saneamento básico? Então fomos vendo que tudo aquilo que aconteceu no passado, refletiu no nosso presente. Não é por acaso, tem toda uma história. Esse processo de identificação ainda está em construção para se perceber quilombola e na AMAQUI existe essa consciência.

Maria Helena Menezes de Souza, Doutora em Linguística e tesoureira da AMAQUI.



Casa de farinha e pilão centenário



Artesanatos produzidos pelas mulheres



A AMAQUI foi fundada em 2010 e não se restringe somente às mulheres artesãs, agrega todas as pessoas que quiserem participar. Hoje, a organização conta com cerca de 50 associadas, de 18 a 65 anos e completa 25 anos como principal instrumento de mobilização e organização da comunidade.

Antes da construção da sede, as reuniões e os trabalhos aconteciam na casa de farinha, embaixo dos pés de árvore. Em 2018, conseguiram a doação de materiais para a construção da sede, que era um sonho coletivo. Desenharam o projeto e realizaram mutirões comunitários para a construção. Na sede, são realizadas oficinas, reuniões, ensaios, cursos e é também onde funciona a creche municipal da comunidade. Ali as artesãs recebem visitas de clientes interessados no artesanato, inclusive de outros países como França, Canadá, Itália, Bolívia e Argentina, refletindo o prestígio dos produtos marcados pelo tingimento das fibras com o urucum e o jenipapo e que já foram vendidas para várias partes do Brasil e do mundo.

Com o reconhecimento e a titulação como território quilombola, as mulheres da AMAQUI avançaram em outras conquistas para a comunidade. Além de artesãs, são agricultoras e começaram a buscar iniciativas de políticas públicas para fortalecer a atividade na comunidade.

Com o fortalecimento das atividades da agricultura, apresentaram-se desafios de escoar a produção.

Buscaram então apoio da EMATER para acessar o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA). Recentemente, também participam do projeto Cozinha Saudável, da Universidade Federal de Alagoas UFAL) - campus Sertão, onde são comercializados alimentos preparados com verduras, legumes, frutas, grãos, bolos, pães e sucos da agricultura familiar.

O artesanato passou então a ser uma atividade de complemento à sustentação das famílias. A organização da AMAQUI, seu histórico de mobilização comunitária e o reconhecimento como território quilombola são elementos que possibilitaram e seguem garantindo força às diversas conquistas alcançadas por toda a comunidade.



Construção da sede da AMAQUI



Associadas em frente à sede da AMAQUI

Acesse aqui a música
“Quilombolas”, de
Tony di Marques,
que conta a história
do Quilombo da
Serra das Viúvas

